

GRAFITE E IGREJA: AS MEMÓRIAS POR TRÁS DE UM SÍMBOLO

Autor: Carina Falcão Matteu
Orientador: Lúcia Regina Lucas da Rosa
Co-orientador: Lucas Graeff
Universidade La Salle

RESUMO

O presente artigo visa retomar alguns aspectos da história do grafite, inscrições que fazem parte da história da humanidade há quase 40.000 anos e representam traços da vida em sociedade de cada época. Durante a idade média, foco de pesquisa deste artigo, o interior das igrejas inglesas (nossa fonte de pesquisa) era composto de muitas inscrições e algumas delas sobrevivem até hoje, reconstruindo o nosso imaginário de como seria o interior de uma igreja naquela época. Os símbolos grafitados eram marcas de proteção na visão do povo da época. No entanto, com a chegada da Reforma Protestante temos um novo período de mudança no funcionamento da igreja e nos hábitos das pessoas com relação a fé e suas crenças. A Reforma marca um momento em que este tipo de manifestação passa a ser considerada e associada a atos de paganismo. Portanto temos um marco histórico em que o grafite, antes considerado símbolo do divino, passa a ser um símbolo do profano. Nossa hipótese é de que a resignificação promovida pela Reforma possa ter sido o que gerou o caráter negativo e marginal relacionado aos grafites até hoje.

Palavras-chave: *grafite, idade média, memória*

Área Temática: Linguagens, Linguística e Artes

1 INTRODUÇÃO - PROPÓSITO CENTRAL DO TRABALHO

Através dos tempos, o homem foi deixando vestígios de sua passagem por esse planeta, dentre eles podemos dizer que um dos mais intrigantes é o grafite, que faz parte da história da humanidade há quase 40.000 anos e, portanto, está enraizado na nossa cultura desde as civilizações mais remotas e cada uma dessas inscrições representam traços da vida em sociedade de cada época. O graffiti então pode ser visto como a representação de uma necessidade humana de riscar, documentar, deixar marcas ao longo do tempo – primeiramente, talhando nas paredes e, hoje, deixando marcas em spray.

O termo grafite vem do italiano graffiti, que se refere a desenhos ou inscrições de épocas antigas, rabiscados a carvão ou entalhados em pedra com objeto pontiagudo. No entanto, ao irmos um pouco mais além, vamos lembrar também que já havia o termo

graphitum no latim, que era relacionado ao ato da escrita. Isso quer dizer que o ato de grafitar está, desde a origem etimológica da palavra, relacionado ao ato de riscar, deixar escrito. Portanto, no presente artigo, entendemos o ato de grafitar como o ato de deixar escritos, deixar marcas, que permeia a história das civilizações desde as mais antigas pinturas rupestres até o que temos hoje por grafite contemporâneo.

Essas inscrições, com o tempo, vão tomando novos significados e formatos, de acordo com o contexto sócio-histórico em que estão inseridas e é assim que o grafite se ressignifica ao longo das décadas até que seja capaz de afirmar-se como um ato de expressão normalmente contestatório. Trata-se de afirmar a presença humana através de pinturas e marcas parietais - os muros de hoje são as cavernas de outrora.

Assim, se os grafites são compostos de símbolos que marcam uma determinada cultura em função do contexto de cada época, fica claro por que é tão difícil interpretar as mensagens de inscrições mais antigas – falta-nos documentação para que tais contextos sejam compreendidos em sua totalidade. O fato é que os grafites têm sido uma forma de comunicação - ele convida o público ao diálogo e, por isso, é um gênero que merece mais atenção e estudo. E como compreender o que hoje entendemos como grafite se não voltarmos às suas origens na antiguidade?

2 REVISÃO

O grafite e as massas (de intelectuais)

Os grafites, como manifestação urbana contemporânea, eclodiram nos anos 60, abrangendo diversos estilos e vertentes de práticas sociais que refletiam as cidades e o modo como os seus espaços se reorganizaram. No entanto, segundo Gitahy, as pinturas rupestres é que “são os primeiros exemplos de graffiti que encontramos na história da arte” (Gitahy, 1999). Sendo assim, percebemos a importância dessas inscrições para as civilizações há milhares de anos.

Se os grafites existem desde as origens de nossa civilização, e enraizaram-se na nossa cultura, ressignificando-se a cada tempo e em cada lugar, foi exatamente entre os anos 60 e 80 que se afirmaram como um ato contestatório e de expressão, e passaram a ser reconhecidos amplamente enquanto tal e como um movimento. (VIANA, 2007, p.28)

Nesse trecho, Viana afirma que os grafites fazem parte da civilização desde nossas origens, mas, além disso, a autora traz uma informação ainda mais importante - a ideia que temos hoje sobre o grafite é uma ideia moderna, ressignificada dos anos 60 e 80 - a do grafite como ato contestatório, ato das massas que estão lutando pelo seu ideal. No entanto, nem sempre foi assim.

Na idade média, por exemplo, essa ideia de que o grafite era objeto das massas não existe, visto que o grafite era encontrado em grande parte dentro das igrejas e até mesmo em áreas a que somente o clero tinha acesso. Relativo a isso, podemos pensar no fato de que o grafite era objeto daqueles que sabiam escrever, ato apreendido por uma minoria na época medieval (Lovata e Olton, 2015).

Além disso, devemos ter em mente que deixa-se algo inscrito publicamente porque existe o desejo de deixar uma marca, não só para a sociedade daquela época, mas também para a posteridade. Halbwachs nos diz que "nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros [...]" (Halbwachs, 1990, p. 34), ou seja, precisamos de testemunhos para que a memória se alastre e esses testemunhos, primeiramente feitos através da fala, passaram a ser feitos de forma escrita e até mesmo grafitada, para que não perdêssemos, ou perdêssemos o mínimo possível das nossas memórias. Esse papel, de deixar escritos e documentações, era de um percentual pequeno da população, normalmente relacionado ao clero. A pergunta que nos fazemos, portanto, é: por que, embora fosse uma prática bastante disseminada entre os intelectuais da época, quase não achamos documentos oficiais explicando os grafites?

Vozes do passado

Durante a idade média, o interior das igrejas inglesas (nossa fonte de pesquisa) era composto de muitas inscrições e algumas delas sobrevivem até hoje, reconstruindo o nosso imaginário de como seria o interior de uma igreja naquela época. Em várias dessas igrejas, podemos perceber que, por baixo das camadas de tintas mais recentes, há pigmentos e cortes nas paredes, que sugerem que, em determinado período, o interior daquele local fora completamente diferente.

Em circunstâncias normais, qualquer estudo recente apoia-se sobre materiais e estudos anteriores aos seus, porém, no caso dos grafites medievais, o material existente é insuficiente para que possamos traçar evidências precisas. Portanto, é preciso que tracemos paralelos entre outras áreas, como história da arte, estudos de manuscritos medievais e ainda estudos arqueológicos das igrejas em questão (Champion, 2015).

O problema é que só conseguimos acessar o material que foi liberado pelas autoridades da época e, dentre esses documentos a que temos acesso hoje, a maioria traz uma realidade convencional, na qual os grafites não se encontram (Champion, 2015).

Por outro lado, podemos perceber, através das pesquisas arqueológicas, que as imagens que foram sendo construídas ao longo de centenas de anos foram cuidadosamente posicionadas para que não escondessem ou sobrepujassem as imagens mais antigas, o que nos sugere que havia um certo grau de respeito entre aqueles que grafitavam dentro das igrejas.

Isso pode ter ocorrido em função de que os símbolos grafitados eram marcas de proteção na visão do povo da época. Essas inscrições eram conhecidas como grafite apotropaico, do grego *apotropaicos*, que quer dizer afastar o mal, ou seja, eram marcas de proteção contra as forças malignas (Champion, 2015). Sendo assim, é fácil de compreender por que um grafite posterior não apagava ou sobrepunha um anterior - pelo simples fato de que todos estavam ali como marcas de proteção para o povo da época.

Pensando por esse viés, é possível imaginarmos que as imagens rupestres de difícil acesso tenham sido imagens apotropaicas também, que “ocasionalmente estavam expostas aos olhos de outros homens, mas disponíveis aos espíritos” (BENJAMIN, 1985, p.173), o que daria a essas imagens o valor de culto, como se tivessem sido produzidas a serviço dos rituais da época. No entanto, essa proposição é somente uma hipótese feita através de paralelos traçados, considerando a insuficiência de material de análise, dado o distanciamento temporal de tais inscrições.

Aqui se faz, aqui se apaga

A chegada da Reforma marca um período de mudança bruta no funcionamento da igreja e nos hábitos das pessoas com relação a fé e suas crenças. A Reforma pode ser considerada o maior divisor de águas dentro do estudo dos grafites, pois é desse ponto em diante que esse tipo de manifestação passa a ser considerado algo ruim.

Com ela, as inscrições passam a ser destruídas, pois não fazem mais parte do sistema de crença que se instaurou. No entanto, a crença no imaginário da população ainda é forte, ela ainda produz sentido no modo de organização local - o grafite apotropaico ainda faz parte do modo como as pessoas se relacionam com sua fé e, por consequência, com a igreja - este é o "código colectivo segundo o qual se exprimem as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais" daquela época (Baczko, 1985, p. 307)

Cada época traz consigo uma certa compreensão do meio e é por meio dessa compreensão, desse imaginário que a vida se organiza. Por conseguinte, todas as épocas têm as suas formas específicas de imaginar e reproduzir a maneira como vivem em sociedade. Assim, na idade média, havia uma elaboração simbólica ancorada nas necessidades de proteção da época, visto que era um período de muitos perigos reais e espirituais. É nesse contexto que chega a Reforma e toma a igreja, incutindo que esses símbolos não podiam mais ser usados, manipulando o povo através da censura. Candau traz um exemplo como esse em seu livro Memória e Identidade, como uma "manipulação grosseira" da memória com o objetivo de forjar uma nova identidade coletiva. Ele ainda fala que, em alguns momentos da nossa história, o clero “deformou” o passado a fim de forjar uma nova identidade coerente com suas estratégias de poder. (Candau, 2016, p.165)

Crer ou não crer, eis a questão

Neste momento, é importante lembrarmos que os grafites configuram-se a partir do contexto social, político e cultural de cada época - o que o faz ser plural enquanto manifestação. Logo, ao chegar a Reforma e proibir a manifestação de determinadas inscrições dentro das igrejas, é bastante lógico que, com o passar dos anos, essas inscrições passassem a ter um novo significado para a população. Elas foram ressignificadas e deixaram de ter o caráter apotropaico, como tinham de início.

A identidade social e cultural de um grupo é algo frágil. Ela deve ser constantemente defendida, reforçada ou simplesmente lembrada, já que tende a se enfraquecer. É que os grupos se encontram, entram em contato, e então cada um dos indivíduos se defronta com a questão de saber quem ele é em relação ao outro, se o outro é superior e se procura dominá-lo, ou se, ao contrário, sentindo-se superior ao outro deveria absorvê-lo. Em resumo, os grupos ao se confrontarem, estabelecem entre si relações de forças fim das quais acontecem dominações, exclusões, misturas ou fusões. (Charaudeau, 2016, p. 29).

Nesse trecho, Charaudeau exemplifica muito bem o que acabou acontecendo na idade média, quando a Reforma tomou a igreja. A identidade social da época sofreu uma quebra brusca com a chegada de uma nova forma de pensar e de se relacionar com a igreja e com as crenças. Esses novos costumes impostos à sociedade enfraqueceram os costumes antigos, dominaram a cultura antiga de tal forma que os grafites, que eram sinal de proteção, passaram a ser considerados um sinal de paganismo e foram, em sua maioria, relacionados a marcas diabólicas, de feitiçaria ou magia.

Um exemplo significativo disso é a imagem da estrela de cinco pontas - símbolo de proteção na era medieval. Essa estrela era posta acima da cabeças dos seres diabólicos, como símbolo de proteção contra eles (Champion, 2015). Após a Reforma, porém, essas inscrições são apagadas das igrejas e tornam-se proibidas, no entanto, no imaginário social, elas não são tão facilmente esquecidas. Assim, o povo continua a fazer as inscrições em suas casas, ainda como sinal de proteção, porém agora isso passa a ser condenado pelas autoridades clericais como heresia, paganismo e até mesmo, satanismo, pois não vem mais ao encontro das ideias atuais da igreja.

O pós-censura

O rompimento com a igreja de Roma e instauração de uma igreja da Inglaterra foi uma das maiores mudanças na sociedade inglesa e seu impacto foi muito maior a longo que a curto prazo.

Fisicamente, a Reforma apagou muitos registros da antiga igreja, ao ponto de que, hoje quase não conseguimos compreender, de forma abrangente, os costumes daquela época. E se fisicamente tivemos perdas, elas foram ainda maiores em se tratando de memória. Segundo Champion, para varrer a história de corrupções presente na igreja da época, foi preciso varrer também todas as tradições relacionadas à velha igreja. E uma vez que essa varredura tenha sido feita, não havia mais como retomar qualquer ritual antigo (Champion, 2015), pois um novo sistema simbólico já havia sido instaurado de modo a "introduzir valores" e modelar "comportamentos individuais e colectivos" (Baczko, 1985, p. 311).

O questionamento que fica para nossas gerações é: a resignificação promovida pela Reforma foi o que gerou o caráter negativo e marginal relacionado aos grafites até hoje? E supondo que tenha sido, é interessante pensarmos o quanto a Reforma pode ter manipulado o sentido de um símbolo a ponto de que ele carregue essa carga negativa até

os dias atuais. É interessante pensarmos no quanto nossas memórias podem ter sido manipuladas ao longo dessas centenas de anos e o quanto ainda poderão ser nos anos que hão de vir.

3 METODOLOGIA

Tomando como ponto de partida o objetivo desta pesquisa – investigar como surgiu a percepção atual que temos sobre os grafites –, decidimos adotar o método de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que consideramos o mais apropriado para o tipo de análise que pretendíamos fazer. Esta pesquisa “é realizada em áreas na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Por sua natureza de sondagem, não comporta hipóteses que, todavia, poderão surgir durante ou ao final da pesquisa” (VERGARA, 2009, p. 42).

No caso deste artigo, algumas hipóteses foram, de fato, cogitadas ao final da pesquisa, mas vale ressaltar que são suposições e não tem comprovação científica ainda, visto a quantidade relativamente pequena de estudos nesse sentido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipóteses que sugerimos é que a ressignificação promovida pela Reforma foi o que gerou o caráter negativo e marginal relacionado a pichação. Porém, paradoxalmente, é justamente esse caráter negativo que vai ser capaz de provocar um efeito contrário, um efeito de resistência social. E supondo que tenha sido isso mesmo, ambos grafite e pichação seriam como duas faces da mesma moeda.

Outra possibilidade é que existissem duas vertentes desde a antiguidade, pois Gitahy diz que durante a inquisição padres pichavam as paredes de outras ordens que não compartilhavam seus pontos de vistas (Gitahy, 1999). Isso nos leva a crer que antes mesmo dos grafites apotropaicos - feitos também por padres - já havia uma vertente com o objetivo de vandalizar. No entanto, o dado mais importante aqui, talvez seja que ambos, grafite e pichação, eram feitos pelo mesmo grupo de pessoas durante a idade média, o que reforça a nossa hipótese de que grafite e pichação tenham uma mesma origem.

Segundo Gitahy “pichação e graffiti tem sempre algo em comum, carregam em si a transgressão e, por isso, só existem em sociedades razoavelmente abertas”, ou seja, ambos exprimem o ponto de vista de uma parcela oprimida da população, mas isso só é possível porque apesar de oprimidos eles tem essa pequena margem de liberdade para suscitar um diálogo sobre descontentamentos político-sociais (Gitahy, 1999, p.23). Segundo Gitahy, ainda, tanto o grafite quando a pichação são o reflexo de uma sociedade, no entanto a prática é tão simples e rápida de ser produzida que se popularizou muito rapidamente e é com essa popularização que a técnica “perde seu carácter político” (Gitahy, 1999, p. 21). Ou seja, podemos considerar com isso que a



pichação é sim oriunda das mesmas raízes do grafite, mas ao longo de sua história foi subvertida e transformou-se em um ato ilegal.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, Bronislaw. **“A imaginação social”** In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**. Obras escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHAMPION, Matthew. **Medieval Graffiti - The Lost Voices of England's Churches**. Penguin Random House - e-book ISBN 9780091960414. Ebury Press. United Kingdom, 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. Tradução de Angela M. S. Coorêa. - São Paulo: Contexto, 2016.
- DREHER, Martin. **Palavra e imagem: a reforma religiosa do século XVI e a arte**. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: EDUFSC, n.30. Outubro de 2001.
- GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- LOVATA, Troy e OLTON, Elizabeth. **Understanding Graffiti**. Routledge Publisher - e-book ISBN 978-1-61132-870-7. NY, 2016.